

A última guerra entre a Província e a Corte é pelo poder de nomear

Carla Renata Antunes de Souza Gomes

Resumo: No presente artigo serão apresentadas análises sobre textos literários que se referem ao *gaúcho* e apresentam uma possibilidade de acompanhar o percurso do termo, visando demonstrar como tais indivíduos – os gaúchos – eram percebidos pelos intelectuais nativos, e em que medida os rio-grandenses se distinguiram ou não deles conforme o olhar dos escritores de fora do Rio grande durante o século XIX, a fim de recompor pelas variações de sentido da palavra um conjunto de representações da identidade regional via Literatura. É, portanto, a partir de uma articulação interdisciplinar, principalmente entre Literatura e História, que se procurou compreender a identidade cultural do ser regional como “*uma construção textual submetida às diversas intermediações culturais*”, a partir de sentidos compartilhados e de significados continuamente reconstruídos na Literatura ao longo do tempo.

Palavras-chave: literatura rio-grandense, identidade cultural, história regional

Abstract: In this paper I will present poems related to *gaucho*, which provide elements to follow the course of this expression, in the attempt to show how such individuals – the *gauchos* – were seen by native intellectuals, and to find to what extent Rio-Grandense people distinguished from them or not, according to writers’ views outside Rio Grande do Sul in the XIXth century. By doing so, I intend to rearrange, through different meanings of this term, a set of regional identity representations through Literature. Hence, it’s from an interdisciplinary relation, mainly between Literature and History, that I tried to understand the cultural identity of regional beings as “a textual construction submitted to many cultural intermediations”, following shared senses and meanings constantly reconstructed in Literature over the times.

Keywords: Rio-Grandense Literature – Cultural identity – regional history

1. O Problema

Perseguir as palavras “rio-grandense” e “gaúcho” nas narrativas literárias de gêneros variados tentando captar as alternâncias de sentidos conforme o emprego destes vocábulos nos textos, a fim de compreender como e quando o nome “gaúcho” é adotado pelos regionais suplantando ao fim e ao cabo o adjetivo gentílico, “rio-grandense”, tal foi o propósito fundamental da pesquisa desenvolvida para a realização da dissertação: “*De Rio-Grandense a Gaúcho: o triunfo do avesso*”. Que teve como ponto de partida o aprofundamento da questão proposta por Augusto Meyer, no clássico estudo “*Gaúcho: história de uma palavra*” (1941), ou seja, de “*como o termo [gaúcho] adquiriu lentamente novos matizes de sentido*” e de vocábulo depreciativo tornou-se um apelido regional ampliado.

¹ Doutoranda PPG – História UFRGS. O presente trabalho de pesquisa foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. As reflexões contidas neste artigo são resultados da pesquisa de mestrado desenvolvida junto ao PPG de História sob o título: “De Rio-Grandense a

No presente artigo serão apresentadas análises sobre textos literários de diferentes autores que fazem referência ao *gaúcho* e apresentam, portanto, uma possibilidade de acompanhar o percurso do termo, visando demonstrar como tais indivíduos – os gaúchos – eram percebidos pelos letrados nativos, e em que medida os rio-grandenses se distinguiam ou não dos gaúchos conforme a percepção de escritores de fora do Rio grande durante o século XIX, a fim de recompor pelas variações de sentido da palavra um conjunto de representações da identidade regional via Literatura.

É, portanto, a partir de uma articulação interdisciplinar, principalmente entre Literatura e História, que se procurou compreender a identidade cultural do ser regional como “*uma construção textual submetida às diversas intermediações culturais*” (BURKE, 1984, p.80), ou seja, compreendê-la como um “*artefato cultural*” (ANDERSON, 1989, p.9), de maneira que este estudo toma corpo, principalmente, a partir do encontro de duas informações e/ou constatações primeiras, que guiaram nossos passos através da Literatura regional do século XIX.

Do estudo de Meyer surge uma perplexidade diante da constatação do descrédito deste intelectual ao significado da palavra “gaúcho” atribuído por Pereira Coruja, primeiro lexicógrafo a registrar na Corte e na Revista do IHGB em 1852 o sentido social do termo, mas que segundo sua análise “*ainda mantinha os vestígios do primitivo sentido*” (MEYER, 1957, p.34). Da leitura do romance “*A Divina Pastora*” (1847) de Caldre e Fião, primeiro escritor rio-grandense a tematizar o homem e a cultura sul-rio-grandense, uma surpresa, que vem da constatação do não uso da palavra “gaúcho” como referência a qualquer natural do Rio Grande.

Do conflito entre a interpretação de Meyer e a ausência da palavra “gaúcho” nos primeiros textos literários deu-se a busca pelo percurso do significado deste termo através de sua utilização pelos escritores do período.

2. A palavra nos textos: romances, teatro e poesia

Augusto Meyer é enfático ao afirmar que procurou em vão, no cancionário popular farroupilha, a palavra gaúcho, e destaca que “*nos primeiros documentos de nossa poesia popular, é freqüente o uso de monarca*” (MEYER, 1957, p.36). O “monarca das coxilhas” é outra denominação aos homens nativos do Rio Grande que aparece reiteradamente desde “*A Divina Pastora*” (1847), passando pelo “*O Corsário*” (1851) do mesmo autor, e encontra

posição de destaque no título do drama teatral do português César de Lacerda, apresentado no Recife em 1867.

Embora Lacerda afirme que “*gaúcho*” é um nome “*aplicado a todos os filhos do Rio Grande do Sul, e seus vizinhos castelhanos*” (LACERDA, 1991, p.128), em todo o seu texto só ocorre de nomear como “*gaúcho*” aos “*blancos castelhanos*”, visto que quando se refere ao habitante da província chama-o principalmente de *tropeiro*, *peão*, *vaqueano*, *guasca* e, sobretudo, *rio-grandense*, portanto, da mesma forma que procedera Caldre e Fião.

Esclarecedor sobre este aspecto é o poema de Fernando Ozório “O Brasil em 1864” publicado na *Arcádia*² em 1868, dedicado à memória do general Neto (também mencionado no drama teatral), no qual o autor alude às invasões castelhanas à província do Rio Grande do Sul em 1864, às vésperas da Guerra do Paraguai, contexto em que se desenrola parte da trama de Lacerda.

Fernando Ozório expressa em seus versos o pungente sentimento presente entre os rio-grandenses que reclamam do Brasil maiores reforços na luta contra os inimigos platinos e repercute também as palavras do membro do IHGPSP³, Manoel Pereira da Silva Ubatuba, que em 1861 lembrava aos demais brasileiros “*os sofrimentos*” e “*as privações*” dos rio-grandenses na defesa do território (LAZZARI, 2004, p.61), também ele reivindicava a atenção da nação aos problemas vividos nesta parte do país.

Além disso, a maneira como o poeta expressa sua fúria, indignação e desprezo diante das circunstâncias que envolveram platinos e rio-grandenses em constantes entreveros militares, dá uma idéia aproximada da mútua aversão entre eles. De um lado, o “*gaucho atrevido*”, turba de “*desvairados*”, “*sem destino*”, que “*invadem as fronteiras da pátria*”, chefiados por ousados “*bandidos*”, “*malditos*”, “*bárbaros*”, são as “*feras castelhanas*”, “*sedentas de sangue humano*”, incontroláveis e cruéis invasores castelhanos, “*ignaros gauchos orientaes*”. De outra parte, os rio-grandenses que, embora, “*sozinhos*”, “*apavorados*”, “*desarmados*” e abandonados pelo Brasil, demonstram todo valor e glória ao

² “*Arcádia*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico”, revista literária que circulou em Pelotas e Rio Grande entre os anos de 1867 e 1870.

³ Em Porto Alegre surge uma outra manifestação cultural voltada então exclusivamente para a História do Rio Grande do Sul, pois em 1860 é fundado o IHGPSP (Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro), que, não obstante, sua breve duração até 1864 é um importante indício dos interesses culturais, quiçá políticos, que animavam os homens de letras no Rio Grande. Segundo Lazzari, os poucos registros do IHGPSP dão a saber que a intenção de implantar em solo rio-grandense uma instituição nos moldes do IHGB, já era pretendida desde 1855, o mesmo historiador informa que a documentação referente a existência do IHGPSP é escassa, existindo apenas cinco números da revista publicada pelos sócios, entre 1860 e 1863. Cf. LAZZARI, 2004, p.26.

resistir ao inimigo para que nunca mais “*vis embusteiros*” tentem manchar “*a nobre face do Rio Grande*”.⁴

E, novamente, os *gaúchos* são utilizados exclusivamente para denominar aos castelhanos e não aos *rio-grandenses*, confirmando o mesmo sentido empregado pelo português, Lacerda.

Outras manifestações também podem ser buscadas a fim de promover o cruzamento das diferentes percepções em relação às especificidades sociais destes indivíduos, como as que estão presentes em duas poesias publicadas na revista literária *Murmúrios do Guaíba* em 1870, a primeira, “*Rio Grande do Sul*” de autoria de Serafim dos Santos Sousa, rio-grandense de Bagé, farmacêutico e capitão da Guarda Nacional que lutou na Guerra do Paraguai; a segunda “*O canto do gaúcho*”, do carioca, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, bacharel em direito, jornalista e político, que, segundo consta, nunca viveu no Rio Grande do Sul, e que ajudam a compor o quadro de referências da formação de um imaginário social divergente, mas, paradoxalmente, compartilhado sobre os homens do sul.

Na poesia de Sousa se percebe a recorrente exaltação ao “*povo guerreiro*” do sul, louva a coragem, o orgulho e a luta pela “*liberdade*” dos bravos “*soldados rio-grandenses*”, enumera os nomes dos “*heróis*”, que com seu “*sangue*” escreveram a história e morreram pela glória do “*seu Brasil*”. O autor nativo estabelece um vínculo necessário entre as históricas guerras de conquista e manutenção do território brasileiro travadas com “*inimigos sanguinários*”, com a atitude aguerrida destes homens em defesa de sua nacionalidade, repercutindo nestes versos aquele discurso do IHGPSP que visava o ingresso da História regional no panteão das glórias nacionais⁵. Vale destacar que o poeta não utiliza uma só vez a palavra gaúcho, como denominação aos “*soldados rio-grandenses*”.

Já a poesia de Sampaio, registra uma possibilidade de entendimento, sobre esses “*homens do sul*”, semelhante a que será mais tarde apresentada por Taveira Júnior, pois durante seu “*canto*” vão surgindo os seguintes sentidos: “*temíveis campeiros*”, “*mais livres*

⁴ Na Arcádia, de 1868, há muitos artigos de Antonio Maria Pinto sobre “*A invasão da fronteira de Jaguarão*”, em que o autor refere-se aos “*blancos*” como “*Atilas da América do Sul*” ou “*horda de salteadores*”, ou ainda, “*curso dos cossacos americanos de além Jaguarão que nada deixaram nas estâncias em que chegaram*”, que além de corroborar as explicações de Lacerda sobre as atrocidades cometidas pelos platinos, ainda contém a mesma associação entre *gaúchos* e *cossacos*, ou “*hordas bárbaras*”, conforme a percepção registrada pelos viajantes Nicolau Dreys (1839) e Robert Avé-Lallemant (1858).

⁵ “*A história do passado, como do porvir desta província, não será um monumento de exclusivo interesse para ela; não, os sucessos mais notáveis aqui passados estão intimamente ligados à vida do Império, que não haverá brasileiro que não os leia como uma narrativa da história geral do país. Os bravos que derramaram seu sangue nas guerras da colônia, da Independência nacional, da do Estado Oriental, empenharam-se por lutas nacionais, os sucessos acontecidos nela eram ou deviam ser registrados na história geral do país.*” In: “O Instituto Histórico” In: *Revista do IHGPSP*, n. 1, agosto 1860, p.3 apud in LAZZARI, 2004, p.56.

que o vento”, *“vivendo a vagar*”, *“que ao sol das batalhas seus foros defendem*”, e aqui é a palavra *“rio-grandense*” que não aparece, apenas campeiro, mas, o “eu lírico” do autor carioca, ressalta: *“Gaúchos são todos*”, *“são frios como o minuano*” e desafiam monarcas a enfrentá-los no comando de *“um troço de bravos*”.

Entretanto, podem ser percebidas divergências na maneira como os poetas referem-se *“aos homens do sul*”, se ao primeiro são heróicos soldados rio-grandenses a combaterem pelo Brasil, ao segundo, são gaúchos a defenderem apenas seus próprios interesses, sem comando, sem ordem, sem rei e sem lei. E há ainda, na poesia de Sampaio, uma ambigüidade na utilização do termo *“monarca*” que merece destaque, em primeiro lugar, o monarca a ser desafiado só poderia ser o Imperador do Brasil, mas se considerarmos que os *“monarcas das coxilhas*” também são os campeiros-rio-grandenses, então estariam os gaúchos, bando indisciplinado, a combaterem também com outros bravos destas terras, e de alguma maneira a disputarem no imaginário social da Corte a primazia da representação regional.

O que estas poesias dão a ver é um estranho diálogo de surdos, no qual cada parte compreende e reafirma certos valores de acordo com o seu próprio código cultural, ou seja, os letrados rio-grandenses referem-se a um ser social específico e não o confundem com o campeiro-rio-grandense, entretanto, os demais escritores brasileiros referem-se aos rio-grandenses como se fossem todos gaúchos – afinal, *“Gaúchos são todos*” – exaltando certas características que, se na prosa de Alencar tornam-se mais evidentes, na poesia de Sampaio ficam camufladas, pela sucinta estrutura poética.

Em 1873, o rio-grandense Bernardo Taveira Júnior critica severamente o romance de José de Alencar *“O gaúcho*” (1870), no prefácio de *“As Provincianas*”, obra em que propõe apresentar um painel poético sobre *“o nosso campeiro, os seus hábitos, costumes e tradições*”, publicada somente em 1886, e que entre outras argumentações assevera: *“Sênio naufragou na fantasia do seu gaúcho, porque este – o tema daquela – era um pseudogaúcho*” (TAVEIRA Júnior, 1986, p.21).

A acusação de Taveira Júnior é contundente sobre o modo como Alencar *“tão desnaturadamente fantasiou o seu Gaúcho*”, e neste sentido cabe ressaltar que o escritor rio-grandense não escreveu que Alencar tinha fantasiado os “nossos gaúchos”, portanto, nesta asserção estão implícitas duas negações, a primeira, em identificar-se com o personagem regional construído por Alencar, e a segunda, em que desvincula este personagem de uma associação genérica aos habitantes do Rio Grande. E ainda a afirmação explícita de que a construção literária de Alencar do homem rio-grandense não passava de uma imagem preconcebida, por isso fantasiada, de alguém que desconhece os naturais da terra.

Taveira Júnior dialoga com a representação proposta por Alencar naquele romance, através do poema “*O canto do gaúcho*” (TAVEIRA Júnior, 1986, p.33-34), em cujos versos o poeta pretende esboçar o que seja um *gaúcho*, segundo um *rio-grandense*.

É interessante situar este poema em relação aos outros que compõem a série de “paisagens humanas” da província compostas pelas palavras de Taveira Júnior. Num conjunto formado por dezoito poesias, nove visam representar as principais atividades desempenhadas pelos rio-grandenses e suas denominações sociais, são elas: “*O vaqueano*”, “*O canto do gaúcho*”, “*O tropeiro*”, “*O laçador*”, “*O boleador*”, “*O domador*”, “*O rodeio*”, “*O gateador de marrecas*” e “*O camponês*”. As outras se distribuem entre as diversas temáticas: o lugar é tratado em “*Rio Grande do Sul*”, “*Os nossos campos*” e “*O rancho*”; as diversões ou sociabilidades em “*Carreiras*”, “*A marcação*” e o “*Casamento*”. As demais, “*Declaração*”, “*Tio e sobrinho*” e “*O cavalo moribundo*” completam as cenas de costumes.

Também importa ressaltar que o poeta rio-grandense utilizou o designativo *gaúcho* somente na poesia que lhe é dedicada, nas demais a denominação genérica mais utilizada é *campeiro rio-grandense*, que foi citada 49 vezes contra apenas quatro de *gaúcho*. Assim, pois, nesta pequena antologia escrita ao tempo da narrativa de Alencar com vistas a refutar ou apenas corrigir algumas noções desse prestigioso autor, percebe-se que a palavra por ele escolhida para designar aos rio-grandenses foi preterida pelo poeta nativo que demonstrou preferir outras mais representativas do ser regional. Entre as quais estão presentes: *vaqueano*, *tropeiro*, *patrício* e *camponês*, além destas há uma menção “*a válida figura de um centauro*” (TAVEIRA Júnior, 1986, p.64).

Entre as discordâncias de ênfase numas e noutras denominações, é interessante ressaltar que o urbano-autor-da-corte não destaca o *campeiro*, como óbvio e genérico habitante do campo, apesar de mencioná-lo, mas sim o *gaúcho* e o *peão*, além de ampliar o significado social desta última ao tratá-la como equivalente a tropeiro, vaqueano, domador, ou seja, privilegia exatamente os tratamentos rejeitados por Taveira Júnior e também por Caldre e Fião. Ademais, na poesia de Taveira Júnior, o *gaúcho* está associado ao bagual, isto é, o cavalo não domado, e que não se submete com facilidade; concepção que se associa à daquele “*cavalo teatino*”, dito por Coruja em 1852, “*que não é permanente em parte alguma*” (CORUJA, 1947, p.140), por isso, como um bagual indômito e livre, o gaúcho vagueia pelos campos, sem paradeiro e, portanto, sem vínculos de qualquer espécie.

O outro nexos que estabelece o poeta é sobre seu aspecto guerreiro e feroz, sem apego a nada, nem a própria vida, pois “*aqui nestes campos não tenho receio*”, “*da morte não fujo, não temo os perigos*”, “*avanço, pelejo, derroto inimigos*”.

A caracterização, portanto, é de um indivíduo pouco sociável e belicoso, de “*nome fatal*”. É o “*gaúcho terrível*” que empresta seu braço e seu ânimo às guerras da pátria e somente ao bagual manifesta amizade. Eis que Taveira Júnior não ignora a existência deste insólito ser social, nem lhe nega reconhecimento na composição de sua paisagem humana sobre a província, entretanto em nenhum momento estabelece uma associação entre este ser e os demais rio-grandenses, embora o reconheça como uma outra existência do campeiro, isto é, uma outra identidade possível ao habitante do campo, porém mais afeito às campanhas militares do que as lides campeiras.

O que Taveira pretendeu demonstrar, portanto, é que no imaginário de Alencar sobre “o gaúcho” e, também no imaginário de seus leitores urbanos da corte, prevaleceu uma configuração que desconsiderou em grande medida a multiplicidade de existências presentes na sociedade rio-grandense, que se distinguem pelas especificidades de cada ocupação e estabelecem, conseqüentemente, uma denominação brasileira própria.

No entanto, este é um detalhe que escapa a uma visão superficial desta sociedade, uma visão distanciada como tal é a da corte, ou uma visão que carregue referências externas, como as de Alencar em seu romance, que privilegiou informações platinas em detrimento das nativas, por isso a perturbação demonstrada por Taveira Júnior, que reclama da ausência de fidelidade na obra do escritor cearense.

Ademais já era fato consagrado, desde o tempo de Alencar, que no Rio Grande do Sul os trabalhadores do campo sempre foram requisitados para as infindáveis guerras que acometeram a região, e seu trabalho durante grande parte da história social do extremo sul do Brasil se confundiu com as guerras. Embora fosse quase impossível algum tipo de opção neste cenário, alguns indivíduos adotaram a vida marginal e nômade dos acampamentos militares ou das milícias mercenárias, os demais, apesar das tantas lutas desenvolveram outras atividades de destaque na vida campeira, tornaram-se além de guerreiros, vaqueanos, tropeiros ou amansadores.

Neste sentido, o narrador de Alencar buscou, o exótico nome de um indivíduo existente e disseminado na Banda Oriental, ampliou e generalizou sua aplicação a todos os habitantes da campanha sul-rio-grandense, sem considerar suas condutas e seu enquadramento social, segundo os parâmetros da província, ou seja, se estes indivíduos entravam em contato nas guerras e no contrabando de gado, nem por isso eram considerados do mesmo modo. De maneira que, se os *gaúchos* podiam ser considerados também como *campeiros-rio-grandenses*, nem todos os *campeiros-rio-grandenses* eram *gaúchos*, esta é uma especificidade social gerada por uma circunstância construída histórica e culturalmente, isto é,

para lutar com os inimigos platinos é necessário, muitas vezes, tornar-se um deles, agir como eles, para *pelear* na “*guerra gaúcha*” como *gauchos*.

Alencar ao apressar-se em alcunhar o ser regional a partir de uma generalização temerária e com base em informações estrangeiras demonstrou a visão preconcebida e o imaginário predominante na Corte sobre os homens do sul, por isso não logrou diferenciar adequadamente os hispano-platinos dos luso-brasileiros, e ao que parece não se preocupou muito com esta questão, supondo que se assemelhavam mais do que se distinguiram.

Neste sentido, Alencar construiu exatamente o que Caldre e Fião não fez, ou seja, enquanto o *rio-grandense* Almênio d’A *Divina Pastora*, constitui-se numa alteridade como representação regional, que veste, come e cavalga de modo particular, e também tem noções muito específicas sobre a honra, a vingança, a hospitalidade e a guerra, e que, portanto, é um homem que revela em sua existência as marcas de sua cultura. O *gaúcho* Manuel Canho, por absoluta falta de parâmetros do autor, apenas se diferencia de alguns dos outros *gaúchos* da trama sejam eles platinos ou rio-grandenses, por ser afilhado de Bento Gonçalves, constituindo-se então numa figura distorcida do habitante do campo, um estereótipo social do sulino, um homem que vive a cavalgar, um centauro onipotente, indômito e insociável.

No afã de construir as diversas faces culturais do Brasil, Alencar se propôs a representar na sua Literatura uma estética regional, para tanto converteu uma idéia superficial sobre um ser social sulino, em personagem exemplar de toda cultura rio-grandense. Para o sucesso de tal atitude contribuiu, principalmente, o seu prestígio de escritor consagrado que, aliando sua construção à existência de outras sínteses exemplares presentes no imaginário social – como o “*monarca das coxilhas*” e o “*guasca*” –, também colaboraram para a manutenção dessa outra construção semântica e cultural – o “*gaúcho*”.

Entretanto, é necessário salientar que os seres sociais que originaram tais denominações, conforme Taveira Júnior tentou esclarecer, são o campeiro, o tropeiro, o vaqueano, o guerreiro, enfim, as muitas faces das atividades desenvolvidas pelos “Rio-Grandenses”, as várias existências possíveis que ficaram subsumidas ao exótico nome que migrou do lado oriental e instalou-se no vocabulário dos brasileiros, permanecendo no imaginário dos urbanos e civilizados cidadãos da Corte com a face platina do “*gaúcho atrevido*” delineado por Fernando Ozório, e com as atitudes dos “*terríveis campeiros*” de Sampaio, que ao fim e ao cabo transformaram a elaboração luso-brasileira dos valentes e destemidos “*monarcas das coxilhas*” em *gaúchos*-rio-grandenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS e FONTES

- ALENCAR, José de. O Gaúcho: romance brasileiro. Prefácio e notas de Augusto Meyer. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1954. (Primeira edição: 1870)
- ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1989.
- BURKE, Peter. *El “descubrimiento” de la cultura popular*. In: Samuel, Raphael, org. História popular y teoria socialista. Barcelona: Crítica, 1984, p.79-92
- CORUJA, Antonio Álvares Pereira. Coleção de Vocábulos e frases usados na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul. (anotações de Walter Spalding) In: Revista Província de São Pedro nr. 9. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947.
- LACERDA, César de. O monarca das coxilhas: Drama em três atos. De costumes da Província do Rio Grande do Sul no Império do Brasil. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro:EDIPUCRS, 1991. (Primeira edição: 1867)
- LAZZARI, Alexandre. Entre a grande e a pequena patria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2004.
- MEYER, Augusto. Gaúcho, história de uma palavra. Porto Alegre: IEL, 1957.
- OZÓRIO, Fernando. O Brasil em 1864. In: Arcádia, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico. Rio Grande, 1868. 3ª série, p.120-125.
- PINTO, Antonio Maria. Apontamentos Históricos: A invasão da fronteira de Jaguarão em 27 de janeiro de 1865. In: Arcádia, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico. Rio Grande, 1868. 3ª série, p.30, 32 e 67.
- SAMPAIO, Francisco de Bittencourt. O canto do gaúcho. In: Murmúrios do Guaíba. Porto Alegre, 1ª série, n.5, maio 1870, p.230.
- SOUSA, Santos. Rio Grande do Sul. In: Murmúrios do Guaíba. Porto Alegre, 1ª série, n.4, abr. 1870, p.186-187.
- TAVEIRA Júnior, Bernardo. As Provincianas. Porto Alegre: Movimento: Brasília, MinsC/Pró-Memória, INL, 1986. (Primeira edição: 1886)